



## Racismo discursivo: O caso Marielle Franco e a cobertura da mídia internacional *Discursive racism: The case of Marielle Franco and the international media coverage*


Renata Almeida Danin

 <https://orcid.org/0000-0002-1243-7678>  
Universidade Federal do Pará, Brazil.  
renatadanin@gmail.com

José Gracildo Carvalho Júnior

 <https://orcid.org/0000-0001-5794-2865>  
Universidade Federal do Pará, Brazil.  
gracildo@ufpa.br

Thiago Rodrigues Reis

 <https://orcid.org/0000-0002-1278-5234>  
Universidade Federal do Pará, Brazil.  
thiago.reis@gmail.com

Recibido: 29-08-2018  
Aceptado: 15-10-2018



---

### Resumo

Neste artigo foram analisadas formas discursivas presentes no discurso midiático de um periódico internacional sobre a cobertura do assassinato da vereadora Marielle Franco e as relações entre violência policial e racismo, inerentes ao debate da cobertura deste evento. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi explorar o cenário atual de divulgação do assassinato de Marielle Franco utilizando a metodologia qualitativa da análise do discurso, proposta pelo Sociólogo holandês Teun Van Dijk. Ainda, buscou-se avaliar como esta discussão retrata o negro e a polícia no campo jornalístico-informacional e seus significados, a partir da análise de uma reportagem exclusiva da versão online do jornal norte-americano *The Washington Post*, publicado em 23 de março de 2018, com o título: *After Marielle Franco's murder, I'm not hopeful for black Brazilians*. Os resultados obtidos neste estudo indicam que o discurso negativo direcionado aos indivíduos de raça negra foi prioridade na cobertura jornalística avaliada, e corrobora substancialmente para a concepção de idéias potencialmente segregadoras. Caracterizando-se como uma nova modalidade de racismo.

**Palavras chave:** análise do discurso, racismo, violência policial, elites simbólicas, tratamento jornalístico.

---

### Abstract

In this article we analyze the discursive forms present in the mediatic discourse of an international periodical about the coverage of the murder of councilwoman Marielle Franco and the relations between Police violence and racism, impregnated in the debate about the coverage of the event. The objective is to explore the current scenario using the qualitative methodology of discourse analysis by the Dutch sociologist Van Dijk and how this discussion portrays the black man and the police, through the analysis of an exclusive report of the online version of the *Washington Post*, March 23, 2018, with the title: *After Marielle Franco's murder, I'm not hopeful for black Brazilians*. It was observed the use of techniques of domination by the symbolic elites and a manipulative narrative from the discursive point of view.

**Key words:** Discursive analysis, Racism, Police violence, Symbolic elite, Journalistic treatment.

---

### Sumario

1. Introdução | 2. Revisão da literatura | 3. Material e métodos | 4. Resultados e discussões | 5. Considerações finais | Referências bibliográficas

---

### Cómo citar este artículo

Almeida Danin, R.; Carvalho Júnior, J.G. y Rodrigues Reis, T. (2018): "Racismo discursivo: O caso Marielle Franco e a cobertura da mídia internacional", *methaodos.revista de ciencias sociales*, 6 (2): 279-289. <http://dx.doi.org/10.17502/m.rcs.v6i2.243>

---

## 1. Introdução

São diversos os estudos que mostram o caráter racial das desigualdades sociais, menor acesso à educação, à saúde, ao emprego digno, à representação política, todas dimensões importantes e significativas de direitos que vêm sendo afetadas pelos marcadores de diferença a despeito do fato de que sua universalidade esteja hoje formalmente garantida (Monagreda, 2017).

A escolha por trabalhar a metodologia do pesquisador holandês Teun Van Dijk é justificada pela importância de seus trabalhos sobre racismo, imigração e mídia na Europa e na América Latina, sendo o principal teórico a tratar o tema do racismo dentro do campo metodológico de Análise do Discurso, tal como, é possível observar em Silva e Araújo (2017).

O discurso midiático tem um papel de destaque na comunicação de massa, pois, por meio dele, adquire-se informação, conhecimento e, principalmente, forma-se opinião. Em síntese, a comunicação de massa, hoje, atua como um dos principais meios de transmissão e construção de ideologia, e como alerta Van Dijk (2008) não é qualquer concepção que é transmitida, mas a das elites simbólicas ou elites dominantes: os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, crenças, atitudes, normas, das ideologias e dos valores públicos.

Van Dijk (2000) amplia a noção de racismo, e a define como uma prática social de desigualdade étnico-racial, de gênero, expondo as inequidades baseadas nas classes sociais. A formulação desse conceito está ligada a outro conceito central no aporte teórico, o das "elites simbólicas", ou seja, as elites políticas, educacionais, escolares e midiáticas que controlam o acesso à maioria dos discursos públicos respeitados pela sociedade.

Devido a esse poder, elas possuem um papel específico na reprodução de conceitos e valores, ou seja, na transmissão da dimensão do simbólico que circunda o tecido social, sendo responsável pela influência de formas discursivas de racismo. Estas formas que Van Dijk (2008) conceitua como o "novo racismo", sutis e simbólicas, são expressas, legitimadas e confirmadas por textos e conversas, incluindo programas de TV e notícias.

As relações raciais no Brasil, e principalmente as que envolvem negros e a polícia são objeto de intensa discussão em vários setores da sociedade. No meio acadêmico, político e na mídia. Na discussão há um consenso quanto à existência de desigualdades sociais, e um grande debate em torno da solução para essas desigualdades, mesmo mais de um século após a abolição da escravatura, o fato é que estas desigualdades continuam separando negros dos espaços de poder. O assassinato da vereadora Marielle Franco, reconhecida pela sua atuação no movimento negro, atuando no Estado para que o projeto de nação multiculturalista, em que a valorização racial e cultural realmente saísse do campo das idéias e do discurso para as relações sociais, representa o reflexo das dificuldades de acesso dos grupos de cor a representações simbólicas de poder, que fazem parte do imaginário social.

De acordo com Van Dijk (2008), produções simbólicas (como a mídia) de uma sociedade são ideológicas quando atuam para criar ou manter relações de dominação de indivíduos sobre outros, possibilitando acesso a bens materiais e culturais. Sabemos da necessidade de transformações estruturais para diminuir as desigualdades sociais e o racismo, pois os negros apresentam as maiores taxas de letalidade violenta, violência policial, encarceramento, além dos piores índices de educação, saúde e renda. É importante que as práticas culturais que mascaram, ocultam ou estereotipam o negro na sociedade sejam modificados e o campo simbólico é um mero reflexo da realidade conjuntural e ajuda a produzir as condições estruturais.

De acordo com Monagreda (2017), torna-se uma questão de justiça social considerar o impacto das múltiplas opressões em sociedades racistas, classistas e sexistas para se repensar contemporaneamente as democracias, as cidadanias e as formas de inclusão, representação e participação dos grupos tradicionalmente vulneráveis.

## 2. Revisão da literatura

O Brasil é o país do carnaval, da mulata e do futebol. Estereótipos conhecidos em que a figura do negro ocupa lugar de destaque. Sempre atrelado ao cenário folclórico e pouco citado no cenário intelectual, político e em profissões tradicionais de grande destaque na sociedade.

Embora muitas vezes negados, os casos de discriminação racial são frequentes e vão desde manifestações racistas em universidades de elite contra estudantes cotistas, às estatísticas que indicam que mais de 70% das vítimas de homicídios são negros (IBGE, 2014).

Muito foi feito nos últimos anos para que essa dívida histórica fosse paga: como a criação da política de cotas para afrodescendentes em vestibulares e concursos públicos, a criação do Estatuto da Igualdade Racial Promulgado em 2010 e a própria Lei 7.437/1985 que criminaliza atos resultantes de preconceito racial, além de outros mecanismos. Porém ainda que haja amplo debate das condições do negro no espaço social brasileiro, prevalece à invisibilidade de suas demandas.

Van Dijk (2008) afeto aos estudos do discurso, afirma que as desigualdades na interação diária com os indígenas e com os negros em muitas sociedades atuais têm sido atribuídas à classe social e não à questão racial, sem que se investiguem extensivamente as várias raízes da desigualdade de classe e de pobreza. Adotaremos neste trabalho o conceito de racismo advindo deste autor:

racismo é essencialmente um sistema de dominação e desigualdade social. Na Europa, nas Américas e na Austrália, isso significa que uma maioria (e, às vezes, uma minoria) "branca" domina minorias não europeias. A dominação, por sua vez, se define como um abuso de poder de um grupo sobre outro e está representada por dois sistemas inter-relacionados de práticas sociais e cognitivas diárias: de um lado, por várias formas de discriminação, marginalização, exclusão ou problematização; do outro, por crenças, atitudes e ideologias preconceituosas e estereotipadas. Estas últimas podem ser consideradas, de muitas maneiras, "razões" ou "motivos" para explicar ou legitimar as primeiras (Van Dijk, 2008: 33).

Iremos utilizar a metodologia da análise do discurso proposta por Van Dijk (2008), o qual define que muitas práticas de racismo cotidiano devem ser explicadas discursivamente, tendo em vista o papel do discurso na reprodução dessas práticas.

É preciso, então, ainda de acordo com Van Dijk, procurar no texto traços dos discursos que o constituíram e que continuam funcionando, ou seja, cabe ao analista do discurso examinar o dispositivo de enunciação que liga certa organização textual a um lugar social determinado.

### 3. Material e métodos

O campo jornalístico-informacional se apresenta como um dos espaços mais importantes a ser ocupado pelo discurso, no sentido de atingirem a dimensão pública dos debates e se constituírem como referente social, especialmente nos casos das questões relativas ao racismo. Para Van Dijk (1991) o papel da imprensa na reprodução do racismo na sociedade não pode mais simplesmente ser avaliado listando temas estereotipados ou dando exemplos de tendências óbvias contra as minorias (embora no Brasil, segundo dados do IBGE (2014), negros e pardos representam a maioria da população, cerca de 54%).

A começar pelo título da reportagem publicada na versão online do jornal norte-americano *The Washington Post*, de 23 de março de 2018, coluna *Global Opinions*, que será o recorte deste trabalho. Revela-se o cenário de desesperança da população negra através da representação do assassinato de Marielle Franco num cenário de potencial enfrentamento do racismo brasileiro. Estes entre outros símbolos e significados serão explorados no decorrer deste trabalho.

A Análise do Discurso permite por meio da integração de diferentes disciplinas, estudar como as estruturas de poder, dominação e desigualdade dentro de uma sociedade são reproduzidas através do texto e da fala.

A importância da Análise do Discurso para o estudo do racismo na mídia se dá principalmente por três razões: a) a natureza do racismo nas sociedades ocidentais atuais, nas quais existe igualdade legal, mas persiste a discriminação social enraizada; b) o alcance da grande mídia e seu papel fundamental na reprodução do racismo, sua condição de espaço de disputa de poder, e, frequentemente, a inexistência de fontes alternativas de informação acessíveis à maior parte da população; e (c) a existência de expressões mais ou menos sutis de racismo e de estratégias de construção positiva do próprio grupo, o que exige uma análise atenta dos mecanismos linguísticos utilizados. Van Dijk se destaca por estabelecer uma ligação entre elementos textuais e estruturas sociais para o tema do racismo, facilitando a identificação de mecanismos muitas vezes implícitos no texto, com o auxílio da sociocognição.

Figura 1. Manchete do jornal *The Washington Post*, 23 de março de 2018



Fonte: Elaboração própria.

#### E1: After Marielle Franco's murder, i'm not hopeful for black Brazilians.

No primeiro excerto, aqui denominado, E1, a manchete diz: "Após assassinato de Marielle Franco, não há esperança para os negros brasileiros". Neste sentido, o assassinato da vereadora Marielle Franco não significou apenas mais um número para as estatísticas do negro brasileiro. Ele traz representações, uma vez que Marielle era uma negra que adentrou ao cenário político brasileiro, advinda de classes menos privilegiadas e até marginalizadas, ela representava o negro em um lugar de poder, em posição de decisão, com destaque e voz na sociedade brasileira. Porém a manchete revela a desesperança e o anúncio de tempos sombrios para a população negra. Juntamente com a imagem de uma mulher idosa, negra, com olhar aflito, triste e cansado, segurando um jornal brasileiro que contém uma foto de Marielle Franco, retratada na imagem com olhar altivo e uma mão anônima empunhando uma arma apontada diretamente para a vereadora (fim simbólico do negro em espaços de poder). Segundo Van Dijk (1991) a eliminação de algumas categorias também pode ter implicações ideológicas. Por exemplo, na apresentação dos eventos e nos comentários finais é comum existir um elemento de complicação seguido por uma resolução. Porém, em estudos empíricos de Van Dijk (1991) sobre a mídia em Amsterdã, na maioria das notícias sobre minorias étnicas a categoria resolução estava ausente, deixando implícito que não existe solução para o problema apresentado.

A análise do discurso pela perspectiva de Van Dijk acrescenta ainda considerações fundamentais para nossa análise:

as manchetes sobre minorias étnicas são frequentemente restritas a eventos como problemas sociais, caracterização cultural, complicações e caracterizações negativas, ameaças, crimes e violência. Os pontos negativos do "nós" raramente recebem ênfase na formação de manchetes, especialmente quando se trata do "nosso" racismo, que é um grande tabu (Van Dijk, 2008: 35).

O discurso é organizado por um esquema abstrato, de acordo com o contexto em que ele está sendo empregado, compondo a superestrutura. A forma convencional de organizar o discurso em uma notícia de jornal, por exemplo, é composta por um resumo (manchete e subtítulo), eventos recentes, eventos históricos, reações verbais e comentários (Van Dijk, 1991).

Tópicos de crime e violência, por exemplo, não são simplesmente apresentados como tais, mas sim como crime negro e violência negra. Muitos tópicos que poderiam ser cobertos como o são para brancos são irrelevantemente culturalizados, atribuindo a eles dimensões especiais que recebem tratamento diferente da mídia. Isso significa que implicações ideológicas racistas podem ocorrer não apenas porque

pouco está sendo dito, como no caso das pressuposições implícitas, mas também porque muitas coisas irrelevantes estão sendo ditas (Van Dijk, 1991).

Por essa razão, o foco de Van Dijk é estudar as manifestações mais sutis de racismo, aquelas que as elites recusam-se em chamar de racistas, ao invés das manifestações mais abertas, que são tidas como o real racismo, mas que não são socialmente aceitas ou respeitáveis (Van Dijk, 1991: 11).

Esse olhar sobre o racismo que se limita a posições e atitudes explícitas e radicais favorece as elites ao negar seu próprio racismo e as exclui como parte do problema. No entanto, história do racismo ocidental e pesquisas sobre as experiências de grupos minoritários mostra que as formas de racismo praticadas pelas elites são mais sérias por gerarem consequências mais significativas.

**E2: The story I'm about to tell you is shocking, especially if you are sitting anywhere in Europe, North America or even in most of Africa. But in the country it took place, it happens pretty much every day.**

No excerto E2 da mesma reportagem, o jornalista chama atenção para o fato de que no Brasil, temas como este (assassinato de negros) fazem parte do cotidiano e acontecem quase todos os dias sem maior alarde e preocupação por parte da população de um modo geral, algo quase banal, mas que pode ser chocante em países da Europa, América do Norte ou mesmo em alguns países da África, denunciando o descaso da sociedade brasileira com a morte de negros e pobres da (ou na) periferia. Porém o que mais chama atenção neste discurso é afirmar que estes países (público alvo do jornal) se sentiriam "chocados" com esta notícia. É muito importante frisar, por exemplo, que países como os Estados Unidos, França, África do Sul, são países com fortes problemas de cunho racial e até religioso, a exemplo do movimento dos direitos civis norte-americano, o apartheid na África do Sul, logo, obviamente eles não se chocariam, uma vez que este cenário também faz parte do noticiário policial nos países supracitados até os dias de hoje. Vide o encarceramento massivo de negros e latinos nos EUA e a violência policial direcionado a negros. De modo que o discurso já se inicia com elementos que caracterizam o racismo. Van Dijk discorre sobre esta questão. Ele afirma que muitas práticas de racismo cotidiano precisam ser explicadas discursivamente, tendo em vista o papel do discurso na reprodução dessas práticas (Van Dijk, 2008).

Nessa perspectiva, em uma relação fundamentalmente discursiva, que deriva do funcionamento de uma memória interdiscursiva atravessada pelo condicionamento histórico de práticas que atualizam o racismo, ainda que revestido de nova aparência (Van Dijk, 2008).

O jornal discute o racismo através de uma fórmula, que é definida como um conjunto de formulações que, pelo seu emprego em um momento e em um espaço público dado, cristalizam questões políticas e sociais (Krieg-Planque, 2010).

A fórmula discursiva apresenta uma situação em que há um significante partilhado, mas com seu significado disputado. É porque se constitui num "problema" ao funcionar como portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais que a fórmula torna-se objeto de polêmicas variadas. Segundo Krieg-Planque:

A fórmula é portadora de questões sócio-políticas. (...) põe em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, à ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (Krieg-Planque, 2010: 100).

**E3: It is about a gay black woman born in a favela in Brazil being gunned down in the streets of Rio de Janeiro after attending an event for women of color. It is also about a racist police force and state machine hellbent on shutting down dissent, especially if it comes from people with a darker hue.**

Em E3, há uma descrição de Marielle Franco como uma mulher negra, homossexual, da periferia, assassinada a tiros nas ruas do Rio de Janeiro, após participar de um evento para mulheres negras. E em tom de denúncia, discorre também sobre uma polícia racista e o uso da máquina do Estado para retirar de circulação àqueles

que pensam de forma divergente politicamente, ou atrapalham seus planos, especialmente se essas pessoas forem negras. Ou seja, valem menos, estão socialmente excluídas.

Outro aspecto importante a ser ressaltado nesta análise é o estilo discursivo. Estilo é o resultado textual de escolhas entre diferentes formas de dizer mais ou menos a mesma coisa usando palavras diferentes ou estrutura sintática diferente. Essas escolhas estilísticas também têm implicações sociais e ideológicas. Por exemplo, o uso da voz ativa ou passiva e do agente da ação implícito ou explícito sugere atribuição de responsabilidade, e pode ser baseado na estratégia de auto-representação positiva e representação negativa do outro (*eles se rebelaram porque são discriminados*) (Van Dijk, 1991).

Neste sentido, ao discorrer sobre formas contemporâneas de racismo Van Dijk explora a dimensão discursiva do novo racismo, baseando-se em sua natureza sutil e simbólica:

racismo é um sistema que possui dois componentes principais: o social e o cognitivo. O componente social consiste nas práticas cotidianas de discriminação, no micronível de análise. E as instituições, organizações, arranjos legais, bem como, outras estruturas sociais, no macronível. O discurso racista pertence à dimensão institucional. Porém, as práticas sociais estão imbuídas pela dimensão cognitiva, as quais envolvem as crenças, o pensamento, as ideologias, as normas e os valores. Os estereótipos racistas, preconceitos e ideologias são adquiridos e aprendidos, e isso normalmente ocorre por meio da comunicação discursiva, ou seja, escrita e fala. As práticas discriminatórias nas quais as pessoas se engajam, são justificadas, principalmente, pelo pensamento de que os "diferentes" são inferiores, possuem menos direitos, ou prioridades (Van Dijk, 2008, p. 105).

**E4: It's been a bit over a week since the murder of Marielle Franco, a popular councilwoman born in the sprawling Mare favela in the north of Rio de Janeiro. A fierce feminist and human rights advocate, she was known for speaking truth to power, especially when it came to police brutality committed against the poor.**

No excerto E4, Marielle é descrita como vereadora, nascida na favela da Maré, feminista, defensora dos direitos humanos e conhecida por denunciar a brutalidade policial contra a população mais pobre. Neste trecho, a Polícia é descrita como uma Instituição de poder, bruta e que discrimina a população mais pobre. É importante lembrar que os moradores das favelas cariocas (alvo do discurso de Marielle) são em sua maioria negros e pobres, além de ter baixa escolaridade, o que os coloca a margem da sociedade e potencial alvo de abordagem e violência policial.

Desta forma, a dominação de um grupo sobre outro possui duas dimensões: a cognitiva e a social. Isso significa que além do controle e acesso privilegiado a recursos sociais valiosos, os grupos dominantes também podem controlar indiretamente as mentes de outros. Por meio do controle da informação, o racismo é reproduzido com o fim de legitimar e manter a posição de dominação do grupo branco (Van Dijk, 1991).

Em suma, entre os discursos em E3 e E4, a análise permitiu identificar dois principais posicionamentos:

- a) Em E3, um posicionamento que apresenta Marielle Franco como representante dos indesejáveis sociais (mulher, negra, homossexual, oriunda da favela). Que denuncia o racismo tanto na Polícia quanto no Estado.
- b) Em E4, um posicionamento que apresenta Marielle em posição de força e liderança. É apresentada como vereadora (posição de poder), feminista e defensora dos direitos humanos. Encontra-se neste excerto não como oprimida, mas na posição de defensora destes e já inserida no contexto político-institucional, cumprindo sua agenda combativa. Neste excerto há de fato o relato da violência policial contra pobres.

Ou seja, o primeiro torna público as injustiças cometidas pela ação do Estado e da Polícia (como Instituições), as desigualdades sociais e o racismo. E o segundo expõe os efeitos das ações das Instituições com esta mentalidade junto à sociedade. Como se a brutalidade policial relatada em E4 fosse produto do Racismo denunciado em E3. Ou seja, este discurso revela relações de Poder.

Para compreendermos as relações de poder expressas no discurso em análise, vamos recorrer ao conceito de poder proposto por Van Dijk (2000) que se relaciona ao controle, ou seja, é a habilidade de controlar as ações e mentes de outros. Neste sentido, o poder social, que sustenta a estrutura de uma

sociedade, somente pode ser entendido em termos de grupo, de maneira que nem todos os membros individuais de um grupo dominante são necessariamente mais poderosos do que todos os membros de um grupo dominado. A base do poder social é o acesso privilegiado a recursos escassos, entre eles o acesso à comunicação e às diversas formas de discurso público. Uma elite pode ter mais ou menos acesso a cada tipo de recurso, bem como o poder pode ser de diferentes tipos (coercitivo, econômico, de informação, entre outros).

**E5: Franco's murder, of course, didn't happen in a vacuum. It occurred in one of the most unequal societies in the world (...) where only 10 percent of congress members are black, despite Brazil's being majority black or mixed.**

Em E5, destaca-se que o Brasil é um país com grande desigualdade social, pouca representatividade do negro em posições políticas, embora seja a maioria da população. E mais uma vez é necessário à compreensão da discussão dos espaços de poder nessa sociedade que embora possua maioria negra, tem pouca representatividade no meio político (onde ocorre a tomada de decisão para mudança), de modo que há uma manutenção das desigualdades sociais, que atuam na conservação dos negros em seus papéis pouco representativos do ponto de vista do poder.

Para Van Dijk (1991), o discurso racista pode ser dividido em duas modalidades: *dirigido ao outro* etnicamente diferente ou *sobre o outro* etnicamente diferente. O discurso racista *dirigido ao outro* implica na interação direta entre indivíduos do grupo dominante e do grupo contra o qual o racismo é dirigido. Já o discurso racista *sobre o outro* tem como principal função a persuasão intra-grupo, isto é, a reprodução das crenças e valores que compõem as bases ideológicas e sócio cognitivas e permitem a manutenção do sistema de dominação racista de um grupo sobre outro.

Neste contexto é possível compreender como ocorre a manutenção deste sistema de dominação sobre o outro:

os atores sociais mais poderosos são aqueles que possuem os meios e recursos para influenciar as ações e mentes de outros. Tal controle é tipicamente exercido pelo fornecimento de informação limitada, errada ou enviesada sobre determinado evento para recipientes que não possuem acesso a fontes alternativas de informação e que, generalizando a partir desse modelo, formarão novos modelos mentais enviesados reproduzindo percepções e ações de acordo. A dominação discursiva, portanto, pode ser definida como o controle comunicativo do conhecimento, crenças e opiniões daqueles que possuem poucos recursos e fontes alternativas para se opor a tal influência" (Van Dijk, 1991: 101).

**E6: But at the crux of it all is the never-ending war on drugs, a war that takes place predominantly in Rio's 763 favelas, where nearly a quarter of the city's population (most of them black people) lives.**

Neste trecho a revista cita como o cerne da questão a constante política de "guerra às drogas" que ocorre nas favelas do Rio de Janeiro, onde a maior parte da população que vive nestas favelas é negra. Utilizaremos a seguir o entendimento do sociólogo francês Loic Wacquant a respeito desta questão.

but the war on drugs is not just about peace and order, and security (maybe for select members of the population). It fits well in a social-economic agenda that has no place for the poor, our own "wretched of the earth", and is underpinned by an economic system that kills off (literally and figuratively) those who could not survive the free market jungle. From news reports, the victims' profile would tell us that they belonged mostly to the urban underclass, the slum dwellers, even if the number of those killed would vary even from official government sources. It is a system, which privileges the middle class and the rich who can survive and provide for themselves, "rewards individual responsibility," but punishes those who fall into the cracks. Below the cracks there are no more safety nets (Wacquant, 2009: 75).

Por trás da política de guerra às drogas, há um foco do Estado operado pela polícia que criminaliza os excluídos do sistema, que tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil são os mais pobres, e em ambos os países a maior parte da população pobre e excluída é negra ou parda. Por motivos socioeconômicos essa "guerra às drogas" se reproduz se fortalece e não tem fim.

**E7: But those who face police brutality and put up with a corrupt state on a daily basis are not hopeful. Not today. Today there is fear and a sense that no matter what we do, we will always be devalued and discarded. Franco had a national platform; she was educated; she no longer lived in a favela. She had made it. And yet, her life was brutally ended, simply for doing what she was elected to do.**

Novamente neste excerto, temos a narrativa de que não há solução, desencorajando qualquer tipo de ação e trazendo a idéia de "aceite seu destino", embora ao observar os elementos textuais que servem a estratégia racista, verificamos que a perspectiva do discursante pode aparecer em diversos aspectos, como coerência local e global, estilo léxico, estrutura semântica e estratégias argumentativas. Ao considerar os elementos mais relevantes e recorrentes do discurso racista. Mas também há nesta narrativa a existência clara de poder, exercida pela força policial, pelo Estado corrupto aqui descrito e o próprio poder não perceptível da mídia na reprodução desta narrativa. Então recorreremos a Foucault para analisar melhor este fenômeno e seu contexto:

trata-se de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam. Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (Foucault, 1979: 182).

No que se refere ao poder, direito e verdade, sob a análise de Foucault, existe um triângulo em que cada item mencionado (poder, direito e verdade) se encontra nos seus vértices. Nesse triângulo, o filósofo vem demonstrar o poder como direito, pelas formas que a sociedade se coloca e se movimenta, ou seja, se há o rei, há também os súditos, se há leis que operam, há também os que a determinam e os que devem obediência. O poder como verdade vem se instituir, ora pelos discursos a que lhe é obrigada a produzir, ora pelos movimentos dos quais se tornam vitimados pela própria organização que a acomete e, por vezes, sem a devida consciência e reflexão.

Foucault ao analisar as instituições a partir do dispositivo panóptico, de vigilância e invisibilidade, baseia-se em três elementos arquitetônicos: espaço fechado, divisão em celas e torre central. Desse modo, da torre é possível enxergar as celas, muito embora das celas não seja possível enxergar quem está na torre e nem tampouco em outras celas. Assim destaca Foucault (2008), o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens. O panoptismo é, portanto, um dispositivo invertido do espetáculo, shows, circo, poucos assistem ao que acontece com a multidão.

Segundo Foucault (2008), o panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. Foucault (1979) explica que os "discursos de verdade" da sociedade, por meio de sua linguagem, comportamento e valores, são relações constituídas de poder e, portanto, aprisionam os sujeitos, como destaca em seu texto.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros, os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. Para tanto, Foucault vê na linguagem uma forma já constituída na sociedade, e por esse motivo, os discursos já circulam por muito tempo. Analisando os próprios discursos, vemos se desfazer os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva (Foucault, 1985: 56).

#### 4. Resultados e discussões

Uma análise mais aprofundada da dominação, definida como abuso de poder, requer acesso especial ou controle sobre recursos sociais escassos. Um desses recursos é o acesso preferencial à mídia de massa e ao discurso público, um recurso compartilhado por membros de elites "simbólicas", como políticos, jornalistas, acadêmicos, escritores, professores e assim por diante (Van Dijk, 1991). Obviamente, para poder manipular muitos outros através do texto e da fala, é necessário ter acesso a alguma forma de discurso público, como debates parlamentares, notícias, artigos de opinião, livros didáticos, artigos científicos, romances, programas de TV, publicidade, a internet e etc.



Segundo Silva e Araújo (2017), os estudos nessa linha de pesquisa possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto natural na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem. Não há análise quantitativa de dados. Busca-se, no geral, realizar uma "exaustividade vertical" como dispositivo analítico (Orlandi, 2009: 62) considerando os objetivos da pesquisa que podem incluir os efeitos de memória, da história, as ideologias, as heterogeneidades, os não ditos e/ou os já ditos, ou seja, o objeto é estudado na sua profundidade/totalidade.

Essa análise informal das propriedades sociais da manipulação também mostra que, se a manipulação é uma forma de dominação ou abuso de poder, ela precisa ser definida em termos de grupos sociais, instituições ou organizações, e não no nível individual de interação pessoal. Isso significa que só faz sentido falar em manipulação, como definido, quando falantes ou escritores estão manipulando os outros em seu papel de membros de uma coletividade dominante. Nas sociedades contemporâneas da informação, esse é especialmente o caso das elites simbólicas na política, na mídia, na educação, na erudição, na burocracia, assim como nas empresas, por um lado, e seus vários tipos de "clientes" (eleitores, leitores, estudantes, clientes, público em geral, etc.) por outro (Van Dijk, 2008).

Assim Van Dijk (2008) introduziu um critério contextual que os destinatários da manipulação, como uma forma de abuso de poder, podem ser definidos como vítimas, e isso significa que, de alguma forma, precisam ser definidos como carentes de recursos cruciais para resistir, detectar ou evitar a manipulação. Necessariamente, isso pode envolver:

- a) Falta de conhecimento relevante, de modo que nenhum contra-argumento possa ser formulado contra afirmações falsas, incompletas ou tendenciosas.
- b) Normas, valores e ideologias fundamentais que não podem ser negadas ou ignoradas.
- c) Emoções fortes, traumas, etc., que tornam as pessoas vulneráveis.
- d) Posições sociais, profissões, status, etc., que induzem as pessoas a tenderem a aceitar os discursos, argumentos, etc. de pessoas, grupos ou organizações de elite.

Ao longo da reportagem, muitos relatos são feitos simultaneamente, um deles fala sobre o próprio autor que se declara negro e vítima de preconceito e embora tenha um tom de denuncia e indignação, é escrito utilizando várias técnicas discursivas que propagam o novo racismo, o racismo sutil e, às vezes, não intencional proposto por Van Dijk. É importante frisar, que por se tratar de um jornal norte-americano a temática do racismo e violência policial direcionada a negros não lhes causa espanto algum (os EUA são responsáveis pelas maiores taxas de encarceramento, violência policial e índices que colocam os negros e latinos como vítimas sociais constantes) A sessão o qual se encontra este artigo é a *Global Opinions*, que reúne jornalistas do mundo inteiro para trazer contribuições sobre temas de forte impacto internacional. Mas o público deste jornal é majoritariamente branco, residente em países desenvolvidos. De modo que numa posição de hierarquização de poder, estes fazem parte de uma posição superior socialmente. E a mídia segue o seu papel de informar, mas manipulando nas entrelinhas e direcionando sua ação para a manutenção de privilégios ou dos privilegiados pelo sistema (homens, brancos e de boa posição social). Ela traz a informação, sem trazer grande reflexão sobre a possibilidade de mudança ou sobre a importância do papel do leitor para a mudança desse cenário (existente no mundo inteiro, principalmente em países como EUA, França, Inglaterra e África do sul, contradizendo o primeiro parágrafo da reportagem). A própria manchete traz a notícia do assassinato e a reflexão de que não tem solução, que não há esperança (aceite o racismo, aceite a violência policial, aceite o Estado corrupto). Esse tipo de discurso midiático, aparentemente em tom inocente e de denuncia pode ser muito nocivo à sociedade. Esse tipo de discurso midiático, aparentemente em tom inocente e de denuncia pode ser muito nocivo à sociedade. Além de refletir a linha editorial do jornal, que atua como elite simbólica na transmissão de suas mensagens e ideologias.

## 5. Considerações finais

A partir da análise crítica realizada neste artigo foram constatados alguns elementos que caracterizam a reprodução de um novo racismo na reportagem intitulada "After Marielle Franco's murder, i'm not hopeful for black Brazilians" publicada no jornal norte-americano The Washington Post. De modo que quando a mídia veicula matérias direcionadas ao negro, são frequentemente restritas a problemas sociais, aspectos negativos, crime e violência, sempre enfatizando os pontos negativos e direcionando o foco do leitor para o problema e não para a causa ou causadores, revelando uma posição limitada diante da questão. A mídia ao veicular um discurso prioritariamente negativo do ponto de vista do negro, pode estar contribuindo para o reforço de ações generalistas concebidas pelo Estado. No entanto, a posição de que haverá uma piora ou que não há o que se fazer a respeito é bastante clara nessa reportagem, fortalecendo as medidas excludentes e silenciando potenciais formas de mudança, o que é bastante característico do novo racismo, posto que se vale de ações que dizem respeito a um racismo que se expressa de outras maneiras.

Ao analisar os discursos das elites simbólicas e colocar em foco uma reportagem de um determinado jornal online, não se deseja culpabilizar, nem desmerecer o esforço empreendido no tratamento deste tema. Pretende-se apenas alertar que determinadas formas de expor a questão racial, sem considerá-la como um fenômeno histórico e social, contribui para manutenção do olhar equivocado sobre esta temática. Assim, apresentar o assassinato de uma mulher negra e vereadora, sem proporcionar um olhar sobre as relações de gênero, raça e poder, fomenta práticas e relações de dominação.

A análise do discurso é uma das possibilidades de resistência às práticas discriminatórias e injustas. A idéia é contribuir com a construção de novos olhares e discussões sobre raça, em especial ao negro brasileiro. Além de ampliar os discursos diante desta temática, e incluir o discurso das pessoas a quem as ações são dirigidas. É importante que não se predomine apenas o saber das elites simbólicas. Esse é apenas um dos caminhos na luta contra o novo racismo.

## Referências Bibliográficas

- Araujo, F. (2018): "After Marielle Franco's murder, i'm not hopeful for black Brazilians". Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/global-opinions/wp/2018/03/23/after-marielle-francos-murder-im-not-hopeful-for-black-brazilians/?noredirect=on&utm\\_term=.898cfae7093d](https://www.washingtonpost.com/news/global-opinions/wp/2018/03/23/after-marielle-francos-murder-im-not-hopeful-for-black-brazilians/?noredirect=on&utm_term=.898cfae7093d). Acesso em: 08 jun. 2018.
- IBGE (2014): *Pesquisa nacional de amostra de domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Foucault, M. (1979): *Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- (1985): *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- (1996): *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- (1999): *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- (2008): *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes. [Tradução de Raquel Ramalhete, 35. Ed]
- Krieg-Planque, A. (2010): *A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Monagreda, J. K. (2017): "A Raça na construção de uma identidade política: alguns conceitos preliminares", *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 21 (2). <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2017v22n2p366>
- Orlandi, E. P.; Guimarães, E. y Tarallo, F. (2009): "O estranho espelho da análise do discurso", in Courtine, J. J.: *Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos (SP): EdufScar.
- Silva, J. C. y Araújo, A. D. (2017): "A Metodologia da Pesquisa em Análise do Discurso", *Grau Zero. Revista de Crítica Cultural*, 5 (1).
- Van Dijk, Teun A. (1991): *A. Racism and the press*. London: Routledge.
- (2000): "New(s) racism: a discourse analytical approach", in Cottle, S.: *Ethnic minorities and the media: changing cultural boundaries*: 33-49. Philadelphia: Open University Press.
- (2008): *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- Wacquant, L. (200): *Punishing the poor: The Neoliberal Government of Social Insecurity*. Durham: Duke University Press.

### **Breve CV dos autores**

Renata Almeida Danin é Mestre em Segurança Pública pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Marketing pela Universidade da Amazônia, graduada em Administração pelo Centro Universitário do Pará e Analista em Administração no Governo do Estado do Pará.

José Gracildo Carvalho Júnior é Doutor e Mestre em Estatística pela Universidade Federal do Pará e Professor do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará.

Thiago Rodrigues Reis é Mestre em Gestão Pública pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Gestão Pública pela Universidade da Amazônia, graduado em Administração pela Universidade da Amazônia e Analista Judiciário no Tribunal Regional do Trabalho da 8ª região Pará-Amapá.